

Trajetórias de animadores de eventos infantis em Belém-PA

RESUMO

Esse estudo teve como objetivo analisar os processos formativos vividos pelos/as animadores/as de eventos com ênfase em suas trajetórias e construção de saberes que foram mobilizados para sua formação profissional. Foram entrevistados/as quinze profissionais que atuam no âmbito do lazer, sendo sete mulheres e oito homens. Identificamos que os animadores mobilizam saberes para a prática profissional relacionados tanto ao domínio de conteúdos e atividades quanto à postura pessoal e profissional necessária para prática de animação. Os contextos em que esses saberes foram construídos são variados e contemplam as vivências lúdicas na infância, o contato com práticas culturais, como o esporte, a dança e o teatro, além das experiências laborais e dos momentos de lazer dos sujeitos. Entre as instituições que influenciaram esse percurso formativo, estão os estabelecimentos de ensino, a igreja e escolas de arte.

PALAVRAS-CHAVE: Atividades de lazer;
Trajetórias; Animadores; Formação profissional

Adrielson Acácio de Lima Barbosa

Mestre em Estudos do Lazer
Universidade Federal de Minas Gerais,
Escola de Educação Física, Fisioterapia e
Terapia Ocupacional (EEFFTO),
Belo Horizonte, Brasil
acacioeducom@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0272-1269>

Cathia Alves

Doutora em Estudos do Lazer
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de São Paulo, IFSP,
Salto, Brasil
cathiaal@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4768-0539>

Hélder Ferreira Isayama

Doutor em Educação Física
Universidade Federal de Minas Gerais,
Escola de Educação Física, Fisioterapia e
Terapia Ocupacional, (EEFFTO),
Belo Horizonte, Brasil
helderisayama@yahoo.com
<https://orcid.org/0000-0002-4442-5356>

Trajectories of children's event animators in Belém-PA

ABSTRACT

This study aims to analyze the training processes experienced by the event animators with an emphasis on their trajectories and construction of knowledge that were mobilized for their professional training. Fifteen professionals who work in the field of leisure were interviewed, seven women and eight men. We identified that animators mobilize knowledge for professional practice and are linked both to the domain of content and activities and to the personal and professional attitude necessary for the practice of animation. The contexts in which this knowledge was built are varied and include playful experiences in childhood, contact with cultural practices such as sports, dance and theater, in addition to the subjects' work experiences and leisure time. Among the institutions that influenced this formative path are educational establishments, the church and art schools.

KEYWORDS: Leisure activities; Trajectories; Professional qualification; Animators

Trayectorias de los animadores de eventos infantiles en Belém-PA

RESUMEN

El propósito de este estudio fue analizar los procesos de formación vividos por los animadores de eventos con énfasis en sus trayectorias y construcción de conocimientos que fueron movilizados para su formación profesional. Se entrevistó a quince profesionales que trabajan en el ámbito del ocio, siete mujeres y ocho hombres. Identificamos que los animadores movilizan conocimientos para la práctica profesional y están vinculados tanto al dominio de contenidos y actividades como a la actitud personal y profesional necesaria para la práctica de la animación. Los contextos en los que se construyó este conocimiento son variados e incluyen experiencias lúdicas en la infancia, contacto con prácticas culturales como el deporte, la danza y el teatro, además de las vivencias laborales y de ocio de los sujetos. Entre las instituciones que influyeron en este camino formativo se encuentran los establecimientos educativos, la iglesia y las escuelas de arte.

PALABRAS-CLAVE: Ocio; Formación profesional; Trayectorias; Animadores

INTRODUÇÃO

Alguns esforços para mapear os saberes profissionais e processos formativos em diferentes setores do mundo do trabalho têm sido desenvolvidos por diversos autores/as. Em especial no campo dos estudos do lazer, identificamos os trabalhos de Santos (2011), Ungheri (2014), Capi (2016) e Venâncio (2020). Santos (2011) identificou que, além de uma formação para suprir a uma demanda de mercado, a formação contempla saberes teórico-práticos para que os discentes pudessem intervir em diferentes espaços de vivência do lazer.

Ungheri (2014) e Capi (2016), que tematizaram a atuação profissional em políticas públicas, identificaram que saberes mobilizados na prática têm origens que vão além da formação acadêmica e são constituídos na infância, nas práticas culturais como esporte e teatro, bem como no decorrer da própria rotina laboral. Venâncio (2020) analisou o perfil profissional e a construção de saberes sobre o lazer de agentes sociais do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) e considerou os suportes e influências de pessoas, instituições e grupos na formação desses profissionais.

Os quatro estudos apontam diversos contextos formativos do profissional de lazer e a exemplo disso Gomes (2011) afirma que a formação não acontece somente nas instituições formais de ensino, embora sejam determinantes para o processo formativo, mas também nas influências exercidas pelas relações familiares, de amizade, trabalho, política, veículos de comunicação. Gohn (2006) e Lave (2015) afirmam que o aprendizado acontece além da formação escolar institucionalizada e dessa maneira, apontam outras dimensões formativas na vida do sujeito no seio da cultura.

Dentro desta reflexão, Gomes (2011) afirma que a ideia de “saberes” contempla o aprendizado decorrente de processos formais e não formais e está interligado com diversos fatores socioculturais políticos e econômicos. O saber vai além do domínio de conteúdos ligados às disciplinas escolares e contempla uma sapiência sobre outras esferas da vida.

Destacamos que a produção teórica sobre a construção de saberes tem como principais referências os estudos sobre a atuação docente presentes em Raymond e Tardif (2000). Para os autores esses saberes docentes são plurais, oriundos de fontes diversas como a família, escola e universidade e em tempos sociais diferentes como na infância, na escola, na formação profissional e no começo da carreira profissional. Eles recebem a denominação de saberes pessoais, provenientes da formação escolar anterior, da formação profissional para o magistério, dos programas e livros didáticos usados no trabalho e os advindos da experiência.

Raymond e Tardif (2000) alertam que, embora este modelo sistematize as possibilidades de construção de saberes docentes e dê a impressão de que todos os saberes sejam “contemporâneos uns dos outros, imóveis e igualmente disponíveis na memória do professor, o qual buscaria nesse ‘reservatório de conhecimentos’ aqueles que lhe são necessários no momento presente da ação” (p. 215), isso não acontece. Isso porque em cada trajetória há processos temporais que o fazem fixar, ou não, na memória determinadas experiências.

Esse estudo não está relacionado à atuação docente, como a maioria dos trabalhos referenciados, mas reconhecemos a existência de saberes específicos que caracterizam a profissão do animador de eventos infantis. Saberes que são desenvolvidos pelos profissionais tanto no seu processo de formação para o trabalho quanto no próprio cotidiano de suas atividades laborais.

Desenvolvemos um estudo direcionado para a região Norte do Brasil, especificamente à Belém do Pará. Dessa maneira, questionamos: Como se dá a construção de saberes que mobilizam o exercício profissional de alguns animadores em Belém? Este estudo teve como objetivo investigar como se constituiu a construção dos saberes dos animadores de eventos infantis atuantes em Belém do Pará ao longo de suas trajetórias.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do estudo, realizamos o contato direto com os/as animadores/a de eventos infantis, visto que muitos destes trabalhadores/as não se encontram registrados nos dados oficiais, contamos com a colaboração inicial de dois moderadores do grupo da APAAC (Associação Paraense de Palhaços e Animadores Circenses) via *WhatsApp*, que disponibilizaram setenta codinomes artísticos dos profissionais que atuavam no Pará.

Assim, a primeira etapa da imersão foi a técnica de *Snowball* (Bola de Neve) que consiste na amostragem resultante de cadeias de referência, ou seja, ocorre quando o pesquisador tem acesso a intermediários por meio de informações de contato fornecidas por outros (as). Logo, ocorre uma repetição, pois os intermediários encaminham o pesquisador para outros informantes, que são contatados por ele e então o encaminham para outros informantes, e assim por diante. Surge, o efeito "bola de neve" diacrônico e dinâmico (NOY, 2008; BALDIN e MUNHOZ, 2011).

A pesquisa na internet foi utilizada, através do serviço de busca do *Google* e no *Facebook*, pelos termos-chaves: animador de eventos, palhaços, recreadores e serviço de animação de festa infantil no Pará (com o intuito de encontrar redes sociais dos profissionais). A partir da técnica de

bola de neve e desta busca, identificamos o número de cento e cinquenta e nove animadores de eventos infantis atuantes no Pará.

Em virtude da dimensão da população foi delimitada uma amostragem intencional, com os seguintes critérios de inclusão: a) Desenvolver serviços remunerados de animação de eventos infantis em Belém do Pará e residir em Belém ou nas três cidades vizinhas que compõem sua região urbana concentrada (Ananindeua, Benevides ou Marituba); b) Ter mais de cinco anos de experiência, o que poderia permitir um maior conhecimento sobre as especificidades dessa atuação e c) Ter a ocupação de animação de eventos como fonte de renda principal ou secundária, indicando que sua atuação não era apenas algo temporário. Esses critérios foram intencionalmente delimitados considerando a acessibilidade aos profissionais e o tempo para execução da pesquisa.

Portanto, quinze animadores/as foram selecionados por responderem a solicitação de marcação das entrevistas, dentro do período estabelecido para a fase de coleta de dados; e participaram das entrevistas semiestruturadas. Ressaltamos ainda que essa é uma pesquisa de cunho qualitativa e contextual, portanto, a amostra não tem a intenção de generalização dos resultados encontrados.

Para tratamento dos dados recorreremos a Bardin (2011), com a técnica de análise de conteúdo. Essa técnica enquanto método torna-se um conjunto de ferramentas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens colaborando para identificar os principais conceitos nos textos das referências e das respostas das entrevistas. O objetivo da análise de conteúdo, nessa pesquisa, foi o de assinalar e classificar as unidades de sentido existentes nas falas, reunindo as regularidades e linhas estabelecendo as categorias de análise.

Trajatória e Construção de Saberes dos Animadores de Eventos Infantis

Antes de adentrar às trajetórias de vida dos sujeitos contextualizamos a cena da animação de eventos infantis no Pará, especialmente sobre as possibilidades de intervenção. Identificamos algumas linhas de atuação, a primeira delas são empresas que se propõem a oferecer espaços de recreação nos eventos com brinquedos, contação de história, oficinas de artesanato, camarim com penteado e pintura corporal, escultura com balões com equipes de animadores que brincam com as crianças e eventualmente fazem interações com o público adulto.

A segunda linha dá destaque para a figura do animador que se assemelha a um papel de apresentador de programas de auditório, um mestre de cerimônias bem-humorado, ou seja, uma porta-voz da festa que se preocupa em garantir um ambiente de "euforia" para crianças e adultos. É

responsável por conduzir brincadeiras, apresentações artísticas com personagens temáticos, sorteios e ações culturais diversas e pode atuar interpretando papéis com apelo infantil ou trajando uniforme.

A terceira linha tem estrutura similar à segunda, com a diferença que é protagonizada por palhaços que, entre uma atividade e outra, desenvolvem interações cômicas com o público. É possível a inserção de pequenos quadros de comédia, show musical e realização de espetáculos circenses na companhia de mágicos, acrobatas e personagens temáticos. Logo, buscamos compreender a construção da trajetória de vida de 15 animadores atuantes nas duas últimas linhas.

Os Sujeitos da Investigação: Formação e Intervenção Profissional

Participaram do estudo sete mulheres e oito homens proprietários de empreendimentos que prestam serviço de animação de eventos a partir do desenvolvimento de atividades culturais voltadas para crianças e seus familiares. No que compete ao tempo de exercício profissional dos participantes, há uma variação entre 10 e 38 anos com média de 18 anos dedicados à carreira e o animador mais jovem possui 30 anos e o mais velho 64. A média de 41,2 anos desses sujeitos é superior à média das idades identificadas por outros estudos próximos, assim, o Portal Salário (2020) destaca que, em Belém, os recreadores com carteira assinada atuantes em regime de tempo integral têm em média 24 anos e os sujeitos estudados por Arruda (2018) têm 33,7 anos.

Catorze dos animadores entrevistados usam codinomes artísticos e um usa seu nome de nascimento precedidos, ou não, pelas terminologias Palhaço/a ou Tio/a. Costumam atuar sozinhos, com apoio de um DJ, com monitores, ou em equipe com outros animadores. Sobre a forma de contratação costumam atuar de maneira independente e são contratados diretamente pelos clientes finais sem a intermediação de agência de empregos.

Em relação ao rendimento familiar, para os/as entrevistados/as a profissão de animador/a de eventos é tida como fonte de renda principal ou complementar e o vínculo profissional se dá por carteira assinada e/ou por empreendimentos próprios na área. Há profissionais que têm como renda principal os serviços de animação com registro CNPJ e profissionais em que sua renda vem da intervenção com a animação, atuam na informalidade e complementam a renda com serviços diversos ligados a outros campos de atuação.

Três dos 15 profissionais são regularizados como Microempreendedores Individuais (MEIs), enquanto os outros 12 não possuem registro formal de seus empreendimentos de lazer atuando como *freelancers* nos eventos. Se desconsiderarmos as pessoas que têm algum tipo de registro profissional (seja carteira assinada de trabalho assalariado ou CNPJ), pelo menos 9 atuam na

informalidade e isso reflete o cenário nacional. De acordo com dados do IBGE¹ referentes ao primeiro trimestre de 2020 (NERY, 2020), o Estado do Pará lidera o ranking da taxa de informalidade com 61,4%, seguido do Maranhão, que tem 61,2% dos trabalhadores em situação informal. Esse cálculo considera pessoas empregadas no setor privado sem carteira de trabalho assinada, empregadores sem registro no CNPJ, trabalhadores por conta própria sem registro no CNPJ, empregados domésticos sem carteira de trabalho assinada e trabalhadores familiares auxiliares.

Uvinha e Santos (2013, p. 347) apontam que no trabalho temporário, autônomo e o subemprego “geralmente estão suprimidos quaisquer direitos trabalhistas e sociais, causando aumento da pobreza e exclusão social de grande contingente da população. O trabalho existe, mas desprovido dos direitos conquistados ao longo dos séculos”.

Há uma “nova informalidade” na concepção de Alves (2018) que tem com um de seus marcos recentes a Reforma Trabalhista vigorando desde novembro de 2017 (Lei 13.467/2017). O autor afirma que não se trata da informalidade que se restringia à ausência de registro na carteira de trabalho, que garantiria direitos trabalhistas e previdenciários. A nova informalidade consiste na regulamentação de novas formas de contratação para o trabalho flexível como o teletrabalho (*home office*) e trabalho intermitente resultantes na precariedade salarial. No trabalho intermitente, o sujeito é convocado pelo empregador mediante demandas e o salário mensal fixo deixa de existir. Se a convocação para trabalhar não ocorrer, o trabalhador não recebe pelo tempo em que ficou à espera por novas demandas.

Escolaridade dos/as Animadores/as

Sobre a escolaridade dos/as respondentes: um/a tem ensino médio incompleto; quatro têm ensino médio completo; dois/duas têm curso Técnico em Teatro; um/a curso Técnico em Hotelaria; um/a pessoa com Tecnólogo em Análises e Sistemas; três com curso superior em Pedagogia em andamento; um/a com especialização *lato sensu* em Gestão Escolar; um/a com curso superior em Licenciatura em Teatro; e um/a com Bacharelado em Teologia.

Logo, notamos que os níveis de instrução apontam que as pessoas que têm ensino médio completo predominam, com 26,6% do total. Além disso, agrupam-se formações em andamento e concluídas e o número de pessoas com ensino médio (em andamento ou concluído) totaliza cinco (33,3%), um número próximo, mas inferior ao dos que têm curso superior (em andamento ou concluído), que chegaria a seis, totalizando 40%.

¹ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/27708-desemprego-aumenta-em-12-estados-no-primeiro-trimestre>

Stoppa e Isayama (2001) dimensionam os níveis de formação e as possibilidades de atuação dos animadores culturais que podem ter formação geral ou específica e isso relacionamos com os animadores de eventos.

A animação sociocultural pode ser caracterizada como uma ação desenvolvida por diferentes lideranças, seja por meio de atuação de profissionais com formação geral (com estudos e experiências mais abrangentes), ou específica (graduados nas diferentes áreas do saber) e ainda, voluntários (lideranças espontâneas das comunidades que colaboram na mobilização, no planejamento, na execução e na avaliação das vivências de lazer) (p. 97).

A atuação na função de animador de eventos pode ser diversificada tanto em termos de formação quanto em funções exercidas. Identificamos um animador de eventos infantis que não concluiu o ensino médio, o que é contrário à exigência mínima para o exercício profissional prevista na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Portanto, os espaços de atuação ocupados parecem desconsiderar a formação escolar mínima prevista na CBO ao contratarem uma pessoa sem formação específica para elaborar, produzir e avaliar as ações pedagógicas para as crianças. No entanto, o profissional atende ao que se espera de um animador de eventos, que é realizar brincadeiras e manter um clima alegre e cordial no evento a partir do domínio técnico.

Destacamos a necessidade de uma formação específica e contínua o que potencializaria a prática. Buscamos algumas evidências disso nas falas da entrevistada E5, profissional com o ensino médio completo.

Eu hoje sinto falta de voltar a estudar, de fazer aula de inglês, porque eu vejo que o inglês, querendo ou não, envolve no meu trabalho. Eu faria um bom curso de inglês, uma faculdade para poder as pessoas dizerem “Poxa, ela tem uma formação pelo menos”. Eu preciso encarar e continuar, mas eu tô com um projeto para o próximo ano. São três tipos que eu penso em fazer, uma delas é Administração, a segunda é a parte teatral e a outra musical, mas o que mais vem na cabeça é Administração, pela parte de administrar um negócio (E5).

Além de conceber a formação superior como algo que lhe garantiria algum tipo de reconhecimento social, a entrevistada aponta que conhecimentos de língua estrangeira, teatro e música seriam importantes para aprimorar os serviços que desenvolve nos eventos, mas que uma graduação em Administração seria mais proveitosa para a sua empresa, ou seja, o curso superior seria utilizado para um fim operacional. A entrevistada não cita a possibilidade de cursar outras graduações no campo do lazer que pudessem qualificar o conteúdo de seu trabalho, como Educação Física, Turismo ou Pedagogia.

Isayama (2010) aborda duas perspectivas de formação profissional em lazer no Brasil: a focada no conhecimento, na cultura e na crítica e outra tecnicista. A primeira incorporaria a interdisciplinaridade dos saberes e privilegiaria a educação para o lazer e processos filosóficos para

pensar a intervenção profissional e já a segunda privilegia o domínio de conteúdos específicos e metodologias para a prática do animador.

A fala da entrevistada E5 transcreve a centralidade dos saberes práticos e operacionais para sustentar a sua prática profissional e pode não identificar a necessidade de envolvimento em reflexões críticas ou de outras possibilidades de interpretar e intervir no campo do lazer. Tal perspectiva diferiu da entrevistada E14 que, ao ocupar um cargo de nível médio com enfoque educativo em um órgão público, sentiu falta de uma formação superior em educação para aprimorar o conteúdo de seu trabalho.

Eu comecei no Detran primeiro prestando serviço. Eles trabalhavam com arte-educação, a gente ia para os sinais abordar os motoristas e pedestres falando sobre educação no trânsito. Eu senti falta de um curso superior e aí foi um outro ponto que me fez ver que a Pedagogia seria também algo importante para ajudar dentro do meu trabalho de educadora no trânsito (E14).

Sobre curso superior e o trabalho com as crianças, a entrevistada E7 faz conexão entre os conteúdos de sua formação acadêmica em Pedagogia e sua prática profissional.

Os dois agregaram muito um ao outro. Minha prática profissional fez com que eu compreendesse muito melhor toda a teoria apreendida, dentro de sala de aula. Então tudo que Jean Piaget fala hoje sobre como a criança aprende, de que forma a criança aprende, Vigotski... Nas animações, hoje em dia, por exemplo, eu consigo levar uma programação adequada para as crianças conforme a faixa etária por causa do embasamento teórico (E7).

As duas entrevistadas evidenciam a questão da interação entre prática profissional e teoria. Isayama (2010) aponta como a fundamentação teórica auxilia a atuação em lazer em prol de uma prática diferenciada que dialogue com a diversidade de pessoas e contextos nas quais estão inseridos.

É importante frisar que um sólido referencial teórico possibilita a compreensão da prática por meio de novos olhares, permitindo a consolidação da práxis. Um animador cultural que atua em clubes, por exemplo, e conhece questões sobre diferentes faixas etárias (crianças, adolescentes, adultos e idosos) e grupos sociais (portadores de necessidades especiais, negros, índios, homossexuais) tem sua prática direcionada por outra perspectiva. Dessa forma, a relação teoria-prática adquire função muito diferente de um simples fazer mecânico e técnico (ISAYAMA, 2010, p. 12).

Na perspectiva da importância da formação para quem trabalha com educação, Maluf (2009) e Negrine (2013) apontam uma reflexão acerca de uma formação dos profissionais que atuarão em espaços lúdicos sob três dimensões: teórica, pedagógica e pessoal. Para Solé (1992), a formação teórica deve ocorrer no sentido de trazer teorias que possam situar e embasar o desenvolvimento e a aprendizagem a respeito de jogo, tempo livre, recreação e prazer. A formação pedagógica seria a possibilidade de vivenciar o lúdico e a formação pessoal envolveria experimentações por via corporais de um corpo que brinca livremente.

A Infância e a Juventude: O Que Aprenderam e Mobilizaram?

Quando convidados a falar a respeito de suas trajetórias de vida até a área de formação e atuação profissional, a maior parte dos animadores entrevistados apontou as experiências vivenciadas na infância. Os/As entrevistados/as evidenciam os momentos de lazer nos quais, como crianças, foram protagonistas em suas ruas e quintais na companhia de outras crianças.

Não pretendemos comparar as infâncias dos/as animadores entrevistados/as com as das crianças de hoje, tampouco sugerir processos de patrimonialização das brincadeiras populares, mas vislumbramos em suas falas uma preocupação em perceber a importância desses conteúdos vivenciados na infância para seus serviços de animação infantil. Buscamos identificar ações nesse sentido e citamos o entrevistado E2 que teve saberes de experiências da infância mobilizados na prática profissional.

Muita coisa que eu atuo na animação é o que eu vivi, por exemplo, tem brincadeiras que eu faço até hoje que eu brinquei quando eu era criança, No caso dessa parte de esporte também contribuiu muito, tem uma brincadeira que eu faço que é o vôlei de balão e eu gosto de jogar vôlei desde os meus 14 anos, então fiz essa adaptação. E outras tantas brincadeiras que eu brincava e eu gosto de trazer, tipo uma brincadeira bem antiga que muitas vezes até algumas crianças nem conhecem hoje, que é o Boca de Forno (E2).

A partir do levantamento sobre os formadores participantes de uma política pública, Capi e Isayama (2019) entendem que os momentos de brincar no período da infância desses sujeitos constituem saberes somados aos outros apreendidos na formação profissional, possibilitando uma prática profissional propícia ao aprofundamento dos debates sensíveis ao público infantil.

Esse raciocínio é exequível ao trabalho dos animadores de eventos infantis que têm as crianças como público de suas ações. No entanto, é interessante pensar quais caminhos a formação profissional poderia trilhar para que estes sujeitos possam maximizar os conteúdos apreendidos na infância. Alves (2019) mostra um caminho e aborda a existência de um componente lúdico na formação que transcende o sentido de brincadeira e se aproxima de uma prática de mediação cultural.

O profissional que atuará no âmbito do lazer precisa compreender seu papel de mediador da cultura como patrimônio da humanidade, seu papel de educador que diverte, troca experiências, que ensina e que aprende e diariamente necessita rever sua conduta profissional, no exercício da “ação-reflexão-ação”. Uma formação consistente e de desenvolvimento de competências e habilidades técnicas, culturais e pedagógicas, fundamentadas na animação, no lúdico e na diversão poderá possibilitar uma atuação no campo com maior eficácia, associando o caráter político de intervenção e melhora das condições de vida das pessoas (ALVES, 2019, p. 184).

A autora defende uma formação profissional fundamentada na animação, no lúdico e na diversão como possibilidades de produção de poder que provoquem uma intervenção na realidade

social. Essa mediação cultural é potencializada quando o profissional reflete e estabelece novas redes de saber. Percebemos que os relatos dos animadores de eventos infantis evidenciam o reconhecimento da importância das brincadeiras durante a suas infâncias e a formação profissional como um estímulo para o processo reflexivo sobre essas brincadeiras utilizando-as para a mediação das crianças com a realidade numa perspectiva crítica.

Além do domínio das brincadeiras, os/as entrevistados/as abordam a comicidade como conteúdo importante de sua constituição profissional. O risível e irreverente são representados pela imitação e piada, como na fala do entrevistado E1 que aprimorou uma habilidade de fazer as pessoas sorrirem desde sua infância e utiliza em sua prática profissional como palhaço.

Eu tenho registros desde infância de trabalhos que eu chamo hoje do palhaço. Tudo isso inicia lá quando eu tinha seis anos de idade, quando eu digo que me entendo como gente. Eu pegava as roupas da minha avó, umas batas que ela tinha e me vestia de padre e começava a dizer que eu era o padre e fazia essas ações diante da minha prima, diante da minha família, e todos achavam graça, todos achavam isso muito risível. E isso motivava em mim sempre para fazer essas gracinhas, esses gracejos para família (E1).

Algumas referências são citadas como os programas de televisão e casos populares que criaram um repertório de conteúdos mobilizados na prática com animação. É importante refletir sobre o que é risível em nossa sociedade para evitar a perpetuação de discursos preconceituosos e opressores, mas esse estímulo para a comicidade despertou nos/as entrevistados/as a vontade de seguir fazendo as pessoas rirem.

Saberes Oriundos de Experiências Profissionais Fora do Segmento de Animação de Eventos Infantis

Ao serem questionados sobre os lugares onde trabalharam e as experiências que tiveram nesses locais, os/as entrevistados/as citaram mais de 20 atividades profissionais diferentes. Visto que todos/as os/as animadores/as são gestores de seus empreendimentos de animação, além de pensarem sobre os conteúdos culturais que irão incluir em seus serviços, costumam fazer o atendimento de clientes, negociações, fechar contratos, entre outras questões operacionais comuns aos gestores. O entrevistado E13 relata suas vivências laborais como representante comercial e vendedor e a contribuição para aprimorar sua maneira de interagir com os/as clientes.

Um lugar que me deu uma visão de organização, horário, cronograma, foi o último que eu trabalhei de carteira assinada, que foi como representante comercial de fábricas de brinquedos. Ele me deu a visão de vender a imagem. Se a gente sabe vender a nossa imagem, ter um marketing bom, pô, esse animador é bom, a música que ele coloca é boa, ele não vem de sandália para o meu evento. Ele vem bem arrumadinho. Quando ele veio me atender, ele veio todo organizado, como pra fechar um negócio" (E13).

Ela destaca os princípios do marketing pessoal e a maneira de lidar com a imagem de sua empresa e deve isso à experiência com representação comercial. Esse processo é similar ao do entrevistado E3, que, nos lugares onde trabalhou atendeu pessoas e vendeu produtos e serviços, aprendeu estratégias de atendimento ao público mobilizadas para fechar vendas nos serviços de animação.

Essa parte de atendimento ao cliente, tanto na Floricultura do Amor, na Peraltas, quanto até sair na rua para vender plano funerário me deu experiência de atendimento ao público e isso a gente usa até hoje. Sabe como a gente fazia para fechar festa antigamente? Eu tinha um book, pus numa pasta para lavar as fotos, eu pegava e folheava aquele classificador e levava para o cliente. Aí fazia a visita com o cliente, aprendi a personalizar o recibo, que era um minicontrato na verdade. Como não tinha celular para gente mostrar, ou mandar no *WhatsApp*, a gente tinha que convencer o cliente e tinha que falar tudinho que a gente ia fazer na festa pessoalmente (E3).

Na fala do entrevistado E3 fica perceptível a importância de se conhecer o público-alvo, assim como o estudo de Ungheri (2014) que concluiu que “os profissionais devem compreender as características dos grupos que serão atendidos por seus programas e ações, levando-se em conta as dimensões biológicas e sociais dos sujeitos” (p.115) e, dessa forma, aproxima as ações das demandas sociais.

A experiência profissional como artista *freelancer* em circos que passaram em turnê pelo estado do Pará fez com que o entrevistado E10 aprendesse novos saberes ligados à logística, técnicas artísticas, marketing circense e interação com o público, os quais acaba trazendo para o seu serviço de animação de eventos.

No circo eu fazia fogo, pirofagia, propaganda, palhaço e ajudava na montagem e desmontagem. Trabalhava no circo e fazia a animação durante o dia, que às vezes aparecia colégio, mas só que evento à noite não tinha como fazer porque tinha espetáculo. Trabalhei nos circos Mega Show, Olímpia, Astro e Nacional já. Então, eu fui adotando as formas de trabalhar, formas de divulgar, formas de me expressar com cliente, lidar com o público, ter aquele cuidado (E10).

Além da polivalência de funções dentro do trabalho circense, o entrevistado fala sobre sua adaptação ao perfil de cada circo que passou. Sobre o fazer artístico nessas empresas e companhias, os profissionais que não são oriundos de famílias circenses, são chamados de “gente da praça” e que o aprendizado aos novatos além de contemplar o conhecimento de técnicas de preparação para os espetáculos devem possibilitar apropriação dos saberes herdados daquela companhia circense, além de sua dimensão cultural e ética, valores e costumes. Isso ajuda a entender que o Entrevistado E10 aprendeu no circo a comunicar-se com diferentes tipos de pessoas.

Por atuar como palhaço nos picadeiros e animador nos eventos infantis, o entrevistado fala das estratégias que aprendeu para fazer com que o público participe das brincadeiras que ele propõe no circo e nas festas.

Tenho a minha estratégia para chamar o pessoal, tanto no circo quanto no aniversário. A estratégia do circo é tu ter o carisma, conversar com o público, se arrumar cedo, bater foto, cativar o público, para quando tu entrar no picadeiro o povo vir. Na animação de festa, eu chamando o pai e a mãe do aniversariante e o pai e a mãe do aniversariante chamando os convidados já se torna mais fácil. Antes, eu chamava e o povo não vinha. Hoje eu adotei isso, meu trabalho está bem mais tranquilo (E10).

Conhecer o público e aprimorar a interação com ele é o saber advindo da experiência presente na fala do entrevistado E10, e no relato da entrevistada E14 que, em experiências profissionais fora de seus empreendimentos de animação de eventos infantis, aprimoraram sua relação com as crianças.

E depois de lá eu vim trabalhar no Sesc e desde aí eu comecei a atuar mais com o brincar... Dentro do SESC eu vim ver as outras vertentes do brincar que é pegar a ludicidade de uma forma mais educativa, como algo que você não é obrigado a brincar. Eu também quebrei essa coisa que tem muito dentro da animação de festa de que você tem que brincar e tem que ter um brinde para brincar e eu não gosto disso (E14).

As atividades laborais realizadas fora do segmento da animação de eventos infantis foram importantes para sua constituição profissional também para este segmento.

Competências e Habilidades Identificadas pelos Sujeitos para Atuar

Ao responderem sobre quais competências e habilidades consideram importantes para os animadores, os/as entrevistados/as citaram diversas características profissionais. O trabalho de Melo e Alves Júnior (2012) situa características quanto ao domínio de conteúdos e quanto a postura profissional, onde concentram-se a maioria das falas. Sobre o domínio dos conteúdos identificamos na fala da entrevistada E14 que os animadores devem dominar a linguagem das brincadeiras e contação de histórias para o trabalho com animação.

Você precisa saber envolver o outro, saber contar uma história. Dentro da animação, você precisa contar história que é importante uma hora. Você precisa saber fazer a brincadeira, você precisa conhecer a brincadeira (E14).

A entrevistada pontua que em algum momento do trabalho com animação o profissional deverá usar linguagem da contação de histórias. Isso é interessante porque a potência cultural que possuem os contos, lendas, fábulas e outros estilos de narrativa pode qualificar o trabalho do animador fazendo com que este dialogue com a educação e as tradições populares. Melo e Alves Júnior (2012) afirmam que “as múltiplas linguagens devem, acima de tudo, ser encaradas como estratégias de intervenção pedagógica da maior importância” (p. 80). As histórias contadas no serviço de animação podem, assim, estimular a imaginação e o acesso à leitura entre as crianças.

Em relação às características que compõem a postura profissional do animador, Melo e Alves Júnior (2012) apontam a atualização, organização, comunicação, formação, liderança,

criatividade e senso crítico. As três primeiras estão presentes diretamente na fala dos/as animadores/as de Belém que citaram outras características como saber interpretar, responsabilidade e comprometimento, amor pela profissão e pelas crianças e ser animado.

A atualização é característica citadas por Melo e Alves Júnior (2012) que consta em “empenhar-se na atualização permanente nutrindo o gosto pela leitura e pela busca de informação, tanto no que se refere à formação técnica, quanto no que se refere ao cotidiano social” (p. 80). Os/As participantes deste estudo apontam nessa direção: E3 ressalta a relevância de atualizar-se em relação às demandas do mercado; as entrevistadas E1 e E7 afirmam a importância de inovação no uso das brincadeiras e E6 a pertinência do aprendizado de linguagens novas, pois poderá ser incorporada aos serviços oferecidos.

Em outros relatos predominam discursos sobre a capacitação, renovação e aprendizado de novas habilidades direcionadas para a brincadeira.

O animador tem que sim buscar formação. Ele tem que sim buscar a troca com outras pessoas, sair da caixinha, pensar fora da caixinha. Ver o que outros espaços estão pensando, ver o que outros estados estão brincando. O perfil do animador é esse animador que sempre ter um *plus*, sempre ter uma carta na manga e, ao mesmo tempo, ter sempre uma inovação, né? Então, a gente tem que acompanhar essa atualidade. Não dá mais pra brincar só de dança da cadeira (E1).

A pessoa tem que não procurar só o brincar. Aprender outras habilidades que chamam atenção. Procurar outras habilidades que possa enriquecer no teu trabalho, como aprender tocar violão, fazer um perna-de-pau, fazer um curso de circo ou algo do tipo (E6).

O sentido de atualização profissional consistiu em uma formação técnica para atender a alguma demanda de mercado. Foi interessante perceber que viram a necessidade de manterem-se informados e adquirirem novos saberes para aprimorar o seu trabalho como animadores/as, porém é oportuno ampliar esta visão de aquisição de conhecimento direcionado ao trabalho. Quando Melo e Alves Júnior (2012) abordaram a necessidade de atualizar-se não estão falando somente a respeito de formação técnica, mas também do cotidiano social e de uma formação geral. Além disso é necessário pontuar a importância da constante busca pela formação acadêmica e pedagógica para qualificar intervenção profissional.

Melo e Alves Júnior (2012) sugerem que a organização é característica do profissional da animação e os entrevistados apontam nesse sentido. O animador E13 demarca que ter organização, planejamento e capacidade de adaptação quando algum imprevisto acontecer no trabalho são condicionantes para trabalhar com animação.

Acho que você tem que se planejar. Hoje em dia eu pergunto "Qual o tema da festa do seu filho?", "Ah, o tema é tal", "Quantos anos ele tem?", "Ah, ele tem 10 anos. Ah, ele tem 5 anos". Então, a gente já se programa. Criança muito pequena não tem coordenação para brincar muitas brincadeiras competitivas, então, o dele ou é juntinho ou é dancinhas. O

adolescente é mais competição e aquelas danças mais difíceis, porque eles gostam de ser desafiados. Além do planejamento, eu acho que é a capacidade de improvisar (E13).

Mesmo quando há planejamento e organização das ações, algo poderá dar errado e cabe ao animador saber lidar com a situação e tomar atitudes que possam resolvê-las. Ao discutir sobre a etapa de operacionalização dentro de um programa recreativo, Cavallari e Zacharias (2008) afirmam que frente aos imprevistos que não puderam ser evitados o organizador da atividade deverá “ter a perspicácia para perceber, maleabilidade para contornar a situação e criatividade para encontrar soluções criativas” (p. 24). Portanto, trabalhar com animação é propor ações criativas para gerir e solucionar problemas.

Outra característica ligada à postura profissional está relacionada a questões sensíveis à forma de comunicar e interagir. Enquanto a entrevistada E14 relaciona uma postura empática e educada para lidar com o outro, E2 aborda a comunicação e o cuidado com o diálogo com as crianças.

Empatia você tem que ter; Dinâmico; Educado, você tem que ter educação para tratar o outro; Você precisa saber falar, que é muito importante. Você precisa saber se comunicar, se expressar (E14).

Ter uma boa relação interpessoal, saber como lidar com os outros; Carisma. Saber conquistar porque a gente sabe que criança é muito sincera. Se alguma coisa não tá agradando a criança ela se afasta ou fala logo alguma coisa. Se não souber como lidar tem que aprender, ou não tem como ser animador (E2).

Esse debate esteve presente no estudo de Arruda (2018) que identificou entre as características dos profissionais do lazer e da recreação ser “dinâmico e comunicativo”, “simpático” e “educado”. No entanto, o sentido de comunicação que prevalece é o do cuidado em evitar situações vexatórias, em que as pessoas sofram algum tipo de desrespeito, mesmo que de maneira sutil, na comunicação com as crianças e adultos. Cavallari e Zacharias (2008, p. 25) afirmam que a postura profissional do organizador da atividade de lazer deve “manter com os participantes uma relação de simpatia, confiança (segurança) e de amizade, estabelecendo e respeitando limites”.

A respeito das características ligadas à postura profissional e seus preceitos éticos, a entrevistada E11 evidencia que a condição necessária para atuar como animadoras é ter uma postura de responsabilidade e comprometimento com os clientes.

Acima de tudo, tem que ter a palavra, tem que ter o compromisso com o cliente, né? Eu me preocupo muito em ter esse compromisso e não deixar faltar nada. Se eu digo que na minha animação vai ter x, eu procuro que tenha x. Eu deixo bem claro o que eu vou levar, o que eu não vou levar, o que eu vou precisar na hora. Eu procuro deixar isso bem claro e cumprir com a minha palavra (E11).

Destaque à importância do cumprimento de acordos estabelecidos entre contratante e contratado. Essa postura de responsabilidade e comprometimento é apontada como condição para o

exercício profissional do animador por entenderem que a reputação do empreendimento de lazer é importante para sua manutenção no campo. Nesse sentido a entrevistada E11 complementa que a maioria de novos clientes a acessam através de indicações.

Fazer um trabalho de qualidade, portanto, ajuda o animador a manter-se no mercado. Outra conexão com o estudo de Arruda (2018) é que a ética foi citada como uma característica necessária para com animação. “Gostar de crianças”; “amor pelo que faz” foram fatores importantes citados no estudo de Arruda (2018) que identificamos na fala de E4.

Todo profissional tem que respeitar as crianças, ter paciência, porque lidar com criança de todas as idades têm que ter muita paciência, alegria, vontade e amor, porque se você for pelo dinheiro pode ter certeza que não vai dar certo (E4).

Outra questão que privilegia as aptidões pessoais ao invés da formação, quando tratamos das características para a atuação profissional em lazer, é a venda da personalidade bem-humorada. Marcellino (2000) expõe que, entre os profissionais de lazer, há um discurso que afirma que competências podem ser aprendidas e bom humor não. O autor questiona esse pensamento que deixa em segundo plano competências e habilidades importantes para ao trabalho em função do bom humor. “O argumento é que o bom humor não se aprende e competência se adquire. Como se bom humor fosse algo postigo que se coloca no rosto, como os dedos digitam. Enorme confusão” (p. 128).

O autor discorre sobre as confusões que podem ser verificadas em relação a exigência do bom humor na rotina laboral.

O bom humor é importante não confundir com bobo-alegrismo, do sorriso e solitudes artificiais estampadas nos gestos, é fruto de uma situação geral e profissional e geral adequadas, que torna o trabalho escolhido, quando o é, prazeroso. É do prazer do trabalho que se deve nascer o bom humor e não do “bom humor” estabelecido “a priori” como mais uma peça do vestuário colocada, que deve nascer o prazer pelo trabalho (MARCELLINO, 2000, p. 128).

No que se refere as competências e habilidades necessárias para o exercício profissional, os animadores de eventos de Belém citaram: ter automotivação, ser alegre e animado. O entrevistado E10 que em virtude dos compromissos profissionais precisou animar um evento em um dia no qual estava abalado.

O cara tem que ser alegre mesmo que ele tenha um problema muito grande na vida dele. Tive que enterrar meu filho numa quinta-feira e trabalhar no sábado. Eu não aguentei, eu saí do salão, chorei, voltei para o evento normal e ninguém desconfiou de nada. Em certos momentos tem que ser frio por dentro e mostrar alegria por fora. Não importa o que esteja passando, se ele está passando por dificuldade, se ele não tem nada para comer. Não importa o que ele estiver passando pessoalmente, ele está ali para alegrar. Então, ali ele tem que estar firme e forte com o trabalho dele, com alegria, com a disposição dele. Não pode estar triste, não pode estar cabisbaixo, não pode levar a vida pessoal para o trabalho (E10).

A fala do entrevistado E10 embora seja de uma extremidade emocional, não é uma situação incomum, visto que a necessidade de trabalhar suprime adversidades. Vários foram os relatos sobre a realização pessoal pela prática na profissão de animar eventos e interagir com as crianças e suas famílias nos momentos de celebração, porém problemas acontecem na vida de todos e podem acabar influenciando no humor do/a profissional. Animar eventos não é um fazer mecânico e impessoal e exige que o profissional esteja em sintonia com as pessoas. Melo e Alves Júnior (2012) apontam que carisma e capacidade de lidar com o público são dimensões importantes, embora não sejam as únicas, para articular propostas multidisciplinares de animação cultural.

Não se trata de fazer juízo de valor sobre o que os animadores julgam importantes para a atuação, mas sim repensar como discurso sobre a profissão com estereótipos de extrema positividade e infantilização cristalizados no imaginário popular são reproduzidos pelos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após refletirem sobre sua prática profissional, os animadores apontam competências e habilidades ligadas tanto ao domínio de conteúdos quanto à postura profissional necessárias para prática de animação de eventos. O saber de envolver e captar as crianças utilizando a brincadeira e a contação de história foi um conhecimento ligado ao domínio de técnicas que se destacou nesta pesquisa.

Em relação à postura profissional, os animadores afirmam que é necessário buscar atualização; é necessário saber se organizar, planejar e ser capaz de se adaptar quando algum imprevisto acontecer no processo de animação; saber comunicar-se com as outras pessoas com empatia, dinamismo, educação e carisma; saber atuar; saber ser ético respeitando os compromissos acordados com os clientes; gostar de crianças e saber respeitá-las; ter automotivação, ser alegre e animado. Os animadores de maneira geral reforçam saberes pessoais que também foram diagnosticados em outras pesquisas do campo do lazer.

A prática profissional mostrou aos animadores conhecimentos que eles gostariam de possuir, que julgam importantes para a sua atuação. Esses saberes foram organizados em três grupos que remetem ao: domínio técnico de linguagens artísticas, formação específica em lazer – educação; e relacionados à gestão e planejamento de seus empreendimentos de lazer. Sobre o domínio das linguagens artísticas foi relatado que é importante ao animador saber fazer pintura facial nas crianças e escultura em balões, tocar algum instrumento musical para incrementar as atividades, ter técnicas de respiração para cantar ao vivo, imitar vozes para melhor interagir com a plateia, ter conhecimentos na área do teatro para auxiliar a construção do palhaço e aprimorar demais processos

de interpretação, manipular fantoches, técnicas circenses para incrementar sua programação e dinamizar a interação com a plateia.

Alguns animadores citaram a importância de saberes oriundos de uma formação específica em educação e educação física para prática profissional para melhor atuação com crianças em diferentes fases de desenvolvimento, crianças com deficiência e com necessidades especiais, além de conhecimentos sobre o corpo humano para melhor conduzirem a atividade. Por fim, os animadores gostariam de ter conhecimentos para aprimorar o atendimento ao cliente tanto no que tange ao cálculo do orçamento dos serviços, como no que se refere a estimular os adultos a brincarem com seus filhos, ou seja, gostariam de aprimorar a gestão e planejamento de seus empreendimentos de animação.

Parte dos animadores relatam que aprenderam com outros animadores mais experientes técnicas de animação e com alguns colegas de trabalho noções de marketing pessoal. Foi citado o papel dos professores, não somente como quem lhes estimulou a exercer o caminho da docência, mas também com ensinamentos de como qualificar a relação com a criança através da ludicidade.

Em relação às instituições, há um destaque para as instituições de ensino formal que atuaram com conhecimentos teóricos, que os animadores mobilizaram para compreender a faixa etária infantil e aprimorar seu trabalho; as instituições de educação não formal de ensino de artes, que foram cenário para a iniciação artística nas artes plásticas e cênicas mobilizados no trabalho; e por fim instituições religiosas, que serviram de laboratório para as primeiras atuações dos sujeitos como animadores.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cathia. O lúdico como dispositivo pedagógico: formação e atuação profissional no campo do lazer. **Revista Internacional de Formação de Professores**, Itapetininga, v.4, n. 3, p. 167-189, jul./set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/view/1418> Acesso em: 27 set. 2020.

ALVES, Giovanni. A “nova informalidade” do mundo do trabalho - aspectos da reforma trabalhista no Brasil. **ComCiência**, [on-line], 9 nov. 2018. Disponível em: tinyurl.com/y9m9n7ga. Acesso em: 20 maio 2020.

ARRUDA, Larissa. S. G. **Perfil e trajetória de recreadores: uma análise da atuação profissional no mercado de trabalho**. 2018. 184 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

BALDIN, Nelma.; MUNHOZ, Elzira. M. B. Snowball (Bola de Neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**, 10., 2011, Curitiba, Anais... Curitiba: PUC-PR, 2011. p 330-341.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

CAPI, André. H. C. **Construção de saberes sobre o lazer nas trajetórias de formadores/as do programa esporte e lazer da cidade (PELC)**. 2016. 247 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

CAPI, André. H. C.; ISAYAMA, Hélder. F. Uma análise sobre a trajetória e a formação de formadores do Programa Esporte e Lazer da Cidade (Pelc). **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 12, n. 28, p. 141-164, jan. 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/8493> Acesso em: 20 maio 2020.

CAVALLARI, Vinicius. R.; ZACHARIAS, Vany. **Trabalhando com recreação**. 10 ed. São Paulo: Ícone, 2008.

GOHN, Maria. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 maio 2020.

GOMES, Christianne. L. Lazer e formação profissional: Saberes necessários para qualificar o processo formativo. In: FORTINI, Janice. L. M.; GOMES, Christianne. L.; ELIZALDE, Rodrigo. (Org.). **Desafios e perspectivas da educação para o lazer**. Belo Horizonte: Editorial SESC/Otium, 2011. p. 33-46.

ISAYAMA, Hélder. F. A formação profissional no âmbito do lazer: desafios e perspectivas. In: ISAYAMA, Hélder. F. (Org.). **Lazer em estudo: currículo e formação profissional**. Campinas: Papirus, 2010, p. 9-25.

LAVE, Jean. Aprendizagem como/na prática. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 37-47, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/FVKz5RJSy8YWrV7HpfXQnQ/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 20 maio 2020.

MALUF, Angela. C. M. Reflexões sobre a formação do pedagogo e sua vivência lúdica. In: MALUF, Angela. C. M. (Org.). **Brincar: prazer e aprendizado**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 11-14.

MARCELLINO, Nelson. C. O lazer na atualidade brasileira: perspectivas na formação/atuação profissional. **Licere**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 125-133, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1405> Acesso em: 20 maio 2020.

MELO, Vitor. A.; ALVES JUNIOR, Edmundo. D. **Introdução ao lazer**. 2 ed. São Paulo: Manole, 2012.

NEGRINE, Airton. Brinquedoteca: teoria e prática – Dilemas da formação do brinquedista. In: SANTOS, Santa. M. P. (Org.). **Brinquedoteca, o lúdico em diferentes contextos: prazer e aprendizado**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 83-95.

NERY, Carmen Desemprego aumenta em 12 estados no primeiro trimestre. **IBGE Notícias**, [on-line], 15 maio 2020. Disponível em: tinyurl.com/y8l22cd6. Acesso em: 20 maio 2020.

NOY, Chaim., Sampling Knowledge: The Hermeneutics of Snowball Sampling in Qualitative. Research International **Journal of Social Research Methodology**, 11:4, 327-344, DOI: 10.1080/13645570701401305 Acesso em: 20 de maio 2020.

RAYMOND, Danielle.; TARDIF, Maurice. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 73, p. 209-244, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/Ks666mx7qLpLThJQmXL7CB/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 20 maio 2020.

SALÁRIO. **Recreador - Salário 2020 e Mercado de Trabalho** / Pesquisa de cargos e salários gratuita. Salário, [on-line], 2020. Disponível em: tinyurl.com/uj8456m. Acesso em: 1 abr. 2020.

SOLÉ, Maria. B. **O jogo infantil: organização das ludotecas**. Lisboa: Instituto de Apoio à Criança, 1992.

SANTOS, Carla. A. N. L. **O currículo dos cursos técnicos de lazer no Brasil: um estudo de caso da formação profissional**. 135 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SANTOS, Samuel. **A Intervenção no Lazer na Política de Segurança Pública: A Construção de Saberes de Oficineiros do Programa Fica Vivo! 2013**. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

STOPPA, Edmur. A.; ISAYAMA, Hélder F. Lazer, Mercado de Trabalho e Atuação Profissional. In: WERNECK, Christianne. L. G.; STOPPA, Edmur. A.; ISAYAMA, Hélder. F. **Lazer e Mercado**. Campinas: Papirus, 2001. p. 71-100.

UNGHERI, Bruno. O. **A atuação profissional em políticas públicas de esporte e lazer: saberes e competências**. 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

UVINHA, Ricardo. R.; SANTOS, Rosana. F. dos. O trabalho informal e seus reflexos no âmbito do lazer. **Revista de Humanidades**, Fortaleza, v. 28, n. 2, p. 335-354, jul./dez. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/325433114_trabalho_informal_e_seus_reflexos_no_ambito_do_lazer Acesso em: 20 maio 2020.

VENÂNCIO, Maria. A. D. Lazer, **Formação Profissional e Construção de Saberes: Um Estudo com Agentes Sociais do Programa Esporte e Lazer da Cidade de Sete Lagoas-MG**. 2020. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS - Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica.

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Aprovação pelo Comitê de Ética da UFMG sob o nº 3.613.314

CONFLITO DE INTERESSES - Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste

periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Juliano Silveira.

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Keli Barreto Santos.

HISTÓRICO

Recebido em: 20 de setembro de 2021.

Aprovado em: 17 de fevereiro de 2022.